Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas

Um percurso em rimas:
histórias do futebol no território indígena Xakriabá

Maiane Gonçalves de Oliveira

Orientador: Prof. Filipe Santos Fernandes

Belo Horizonte

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus
Pois se não fosse ele aqui não estaria
Ele me abençoou com sorte, saúde
E muita sabedoria.

Sou muito grata também
A todo meu povo Xakriabá
Que confiaram em mim
E deram forças para aqui chegar.

Não poderia deixar de fora
Os meus professores do médio e fundamental
Que de certa forma contribuíram
Para que eu chegasse até o final.

Os meus colegas Xakriabá da matemática
Aqui eu quero eles citar
Foram minha segunda família
E isso para sempre vou levar.

Em meio as dificuldades
Nunca me deixaram desistir
Sempre dando forças
Dizendo que eu ia conseguir.

Pollayne, Neuza e Edilene
Aqui quero destacar
Foram mais do que amigas
E essa amizade comigo vou levar.

Nunca negaram apoio
E sempre estavam prontas para ajudar
Inclusive em algumas matérias
Que às vezes custava interpretar.

Os colegas Pataxó, Guarani e Maxacali
Deles não tenho o que falar
Foram pessoas super legais
O meu obrigado aqui vou deixar.

Agradeço aos meus entrevistados
Que contribuíram bastante
Agradeço Seu Satur, Edvan
Nemerson, Francinete e Daiane.

Meu pai foi também meu entrevistado
E sempre foi meu coorientador
Obrigado por tudo
Eu não conseguiria sem o senhor.

Toda minha família
Foi peça fundamental
Em especial mãe e pai (Delcina e Adão)
Por ter seguido comigo até o final.

Minhas irmãs Nety, Daya Nega e Maemes
Exerceram um grande papel
Ajudaram e apoiram, e obrigado também
Aos meus irmãos e sobrinho Adriel, Nawã e Tales Ariel.

Não poderia me esquecer
De quem sempre me estendeu a mão
Ao meu esposo Wemerson
Obrigado pela paciência e compreensão.

Nunca me deixou desistir
Sempre esteve disposto para ajudar
Presente nos momentos difíceis
Não deixou nada me faltar .

Os professores e bolsistas do FIEI
Nunca vou conseguir agradecer
fizeram tanto pela gente
E disso jamais vamos esquecer.

Vanessa nossa professora
Não tenho palavras pra agradecer
Foi aquela mãezona da turma,
E com ela consegui sim aprender.

Ilaine sempre esteve conosco
E não nos abandonou
Sempre empenhada em ajudar
Sempre nos orientou.

Keli, Teresinha
Também contribuíram para nossa formação
Agradeço pela paciência
Empenho e dedicação.

A UFMG aqui deixo o meu obrigado
Agradeço a toda universidade
Aqui no FIEI adquiri novos conhecimentos
Que vou levar para a minha comunidade.

Aos lideranças e caciques Xakriabá
Deixo toda minha gratidão
Admiro a todos vocês
por lutar por nossa nação.

As minhas amigas foram como irmãs
Laura, Beatriz, Edineia, Janaine e Marilene
Obrigado pelos conselhos e cuidados
Vocês foram meus maiores presentes.

Não esqueço também
De quem sempre esteve disposto a me ajudar
Filipe Fernandes uma pessoa
Que foi escolhido para me orientar.

Me orientou da melhor forma
Para o meu trabalho desenvolver
Não mediu nenhum esforço
Por tudo quero te agradecer.

Em geral agradeço a todos
Que de alguma forma veio a contribuir
Todas as opiniões foram importantes
Para o meu trabalho construir.

Sou muito grata a todas as pessoas
E peço desculpas se esqueci alguém sem mencionar
Aqui deixo os meus agradecimentos
A todo o meu povo Xakriabá.

AHIANTÃ!

Resumo

Este trabalho apresenta histórias do futebol no território indígena Xakriabá. O futebol é uma importante forma pela qual o povo Xakriabá socializa e fortalece sua união presente dentro e fora dos campos. O objetivo é deixar registrada essa história, de como surgiu o futebol entre os Xakriabá e de como hoje é praticado, e garantir que as futuras gerações tenham acesso a esse conhecimento. O trabalho foi realizado a partir de entrevistas gravadas em áudio e observações, que foram transformadas em textos e "rimas", uma forma de expressão muito comum e importante para os Xakriabá. As histórias mostram que a presença do futebol no território Xakriabá não é apenas uma influência da cultura não indígena sobre a nossa cultura, mas que o futebol praticado também é influenciado por traços da cultura indígena, como a tradição familiar; a convivência e a aprendizagem entre as gerações, fortalecendo laços entre jovens e mais velhos; a presença das mulheres na prática do esporte ou o sentido de coletividade. Este trabalho é de extrema importância para o povo Xakriabá, pois com esta pesquisa conclui-se que o futebol passou a fazer parte da cultura e do cotidiano deste povo, derrubando barreiras e abrindo novas portas e caminhos.

Palavras-chave: Cultura; História do futebol no território Xakriabá; Povo Xakriabá.

Sumário

Um pouco de minha história, meu interesse pelo tema e minha relação com a escola e com a matemática 2

O território Xakriabá, a aldeia Imbaúba e as nossas lutas 9

A importância do futebol e a construção deste percurso 16

Senhor Saturnino, nosso ancião, e o contato dos Xakriabá com o futebol 22

O futebol e sua relação com as famílias Xakriabá 31

O futebol na vida dos jovens Xakriabá 39

As meninas e o futebol no território indígena Xakriabá 45

A presença do futebol nas escolas 51

Considerações finais 57

Eu sou Maiane
E me orgulho em falar
Moro na aldeia Imbaúba II
Território indígena Xakriabá.

Tenho 22 anos
E muito já vivenciei
Já passei por muitas dificuldades
Que jamais esquecerei.

Eu sou uma pessoa
Que gosta muito de observar
Observo as pessoas fazendo atividades
Pra aprender e um dia ensinar.

Eu sou bem quieta
E não sou muito de falar
Não porque tenho vergonha
Mas porque essa é a maneira de me comportar.

Sou muito tranquila
E gosto muito de estudar
Estudo para garantir meu futuro
E levar mais conhecimento para o povo Xakriabá.

Tenho muitos objetivos
Que pretendo ainda alcançar
Vou lutar para consegui-los
Pois quem sonha não pode parar.

UM POUCO DE MINHA HISTÓRIA, MEU INTERESSE PELO TEMA E MINHA RELAÇÃO COM A ESCOLA E A MATEMÁTICA

Foto com meu pai, Adão, capitão do time Bananeira, tirada na final do Campeonato Indígena Xakriabá de 2015

Eu me chamo Maiane e moro na aldeia Imbaúba, território Indígena Xakriabá, localizada no município de São João das Missões, Minas Gerais. Tenho 22 anos e sou filha de Adão e Delcina. Tenho cinco irmãs e dois irmãos e desde criança sempre morei nessa aldeia com a minha família.

Entrei na escola com seis anos e desde pequena sempre gostei de estudar. Aos seis anos de idade fui matriculada na P.P.A. (Período Preparatório de Alfabetização), em uma turma multisseriada. No P.P.A. as turmas da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries estudavam juntas, com uma única professora para todos os alunos. Por esse motivo nem todos eram acompanhados de perto, pelo fato de ser muitas séries misturadas e também pelo alto número de alunos. A sala de aula funcionava em uma sala da casa do meu avô, que cedeu o espaço para que a nossa aldeia não ficasse sem aulas. Com o tempo foi construída uma sala onde o teto era de material conhecido como "telhão" e o chão tinha apenas o "contra piso". Quando terminaram a construção, a gente se mudou para essa nova sala, mas mesmo assim as turmas não deixaram de ser multisseriadas. Nessas turmas tinham crianças, jovens e adultos.

Quando comecei a estudar no Ensino Fundamental II, continuamos nessa mesma sala, no período da tarde, também em turmas multisseriadas, nas quais estudavam as turmas de 5ª, 6ª e 7ª séries. Nos períodos de muito calor, a gente sofria muito, pois o "telhão" esquentava demais e às vezes era preciso sair da sala e ir estudar debaixo de um pé de árvore, pois ali não dava pra ficar. Nessa sala fiquei por três anos, até passar para o 8ª série do Ensino Fundamental II. A 8ª série não podia mais funcionar naquela escola, pois não havia espaço para acomodar todas as turmas do Ensino Fundamental II. Por isso tivemos que ir estudar na aldeia Brejo, que é uma aldeia vizinha. Enfrentei muita dificuldade, pois não tinha transporte e todos os dias tinha que ir a pé, caminhando aproximadamente seis quilômetros todos os dias, com chuva ou com sol.

Comecei a estudar o Ensino Médio à noite. A falta de transporte era ainda um problema não solucionado. Confesso que às vezes dava vontade de desistir, de largar tudo, mas também pensava o que seria de mim sem a escola, sem o estudo, pois tinha um grande sonho que era um dia poder ingressar em uma faculdade. Continuei com os estudos em meio a dificuldades.

No último ano do Ensino Médio encontrei ainda mais dificuldade, pois não tinha companheiros para ir para a escola e muitas vezes era obrigada a voltar sozinha. Caminhava seis quilômetros para chegar em casa, e quando estava muito escuro usava apenas uma lanterna para que pudesse enxergar o caminho e conseguir chegar na minha casa. Lembro-me que muitas vezes eu desesperava no caminho e sentia medo, pois não sabia o que poderia encontrar na estrada. Já

tive que me esconder de animais para não ser atacada; já enfrentei cobra, vaca, cachorro e escorpião. Mas, toda vez que pensava em desistir, pensava também no meu futuro.

Nesse mesmo ano enfrentei sérios problemas de saúde e percorri várias cidades de Minas Gerais em busca de tratamento ou até de descobrir que doença era aquela. Foi quando meu pai teve a ideia de me mandar para São Paulo. Então eu fui, fiz vários exames e comecei a me tratar. Por três meses tive que me afastar da escola e ficar longe da família e de amigos. Lembro-me que tinha que estar no hospital pelo menos três vezes por semana; tinha que pegar atestado e mandar para a escola para, quando eu voltasse, dar continuidade aos estudos. Depois de três meses finalmente voltei, e assim que cheguei voltei para a escola e fiz todos os trabalhos e provas pendentes para que eu pudesse me formar. Em novembro tive que voltar novamente para São Paulo para fazer o retorno ao médico e também a segunda parte do tratamento. Por lá fiquei até dezembro, terminando de fazer os exames e acelerando o meu tratamento.

No dia 20 de dezembro voltei para Minas e cheguei no dia da minha formatura. Ainda fui conferir com meus professores se eu conseguiria me formar, e eles me confirmaram que eu ia me formar sim! Então fui pra formatura e peguei meu diploma muito emocionada, pois foi uma prova de superação, já que muitas vezes e por diversos motivos meu pensamento foi desistir. Graças a Deus eu consegui vencer.

Depois que me formei, no ano de 2013, comecei a trabalhar como auxiliar de secretaria na escola Bukimujú. Lá trabalhei o ano todo. Neste mesmo ano ouvi falar das inscrições para a seleção do Curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e que a habilitação era Matemática. Fiquei muito interessada porque eu amava matemática. Fiz a minha inscrição e fiquei aguardando a data da prova.

No ano seguinte não trabalhei como auxiliar de secretaria, pois o número de alunos havia diminuído. Em março fiz a prova de seleção do FIEI e em abril recebi a notícia de que tinha conseguido passar. Fiquei muito feliz! Em setembro viajei pra Belo Horizonte para estudar, conheci novas pessoas e fiz muitas amizades.

Sempre gostei de matemática e desde as séries iniciais era apaixonada por cálculos. Por mais que às vezes a matemática seja complicada, é uma coisa que pode fazer a gente se apaixonar. Desde criança tinha um sonho de ser professora de matemática. Percebia que muitos alunos não gostavam de matemática e quando presenciava isso vinha na minha cabeça: "um dia vou ser professora de matemática e mostrar para os alunos que a matemática não é complicada, ninguém precisa ter medo de matemática, não precisa ter raiva". Toda vez que eu pensava em fazer uma faculdade vinha na minha cabeça matemática, então resolvi seguir meu sonho. Hoje sou professora de matemática no Ensino Fundamental II e leciono em turmas de 8° e 9° anos.

No ano de 2015, no segundo módulo do curso, a professora Vanessa começou a falar sobre o "Percurso", um trabalho a ser desenvolvido pelo aluno no final do curso, e eu ainda não tinha pensado em um tema. Até pensei em fazer algo sobre animais que serviam de remédios, mas não deu muito certo porque era um tema que não me identificava muito. Quando retornei para a aldeia, comecei a pensar se era realmente isso que eu queria.

Um dia, como qualquer outro, resolvi ir ao campo de futebol para ver meu pai e meus tios jogando. De repente surgiu a ideia de fazer sobre esportes, pois era legal e muito bacana ver eles jogando e ensinando para os jovens. Decidi que meu Percurso seria sobre "esportes", e percebi que era um tema com o qual eu me identificava, e porque não falar sobre algo que faz parte da minha família e que está no nosso dia a dia?

A minha vida
Aqui vou relatar
Vou falar das lutas
Que tive que enfrentar.

Entrei na escola com seis anos
E tinha muita vontade de saber
Queria aprender a ler
E também a escrever.

Pra mim foi um pouco difícil
Pois eu não era muito de falar
Queria muito dar conta das atividades
E muitas vezes o professor nem vinha explicar.

Era na casa do meu avô
Uma escola bastante interessante
Estudávamos numa sala pequena
Que mal dava para acomodar os estudantes.

Depois fomos estudar
Em um lugar chamado barracão
Era tão quente ali
Que até atrapalhava a nossa concentração.

Até o oitavo ano
Em minha aldeia pude estudar
Fui para a escola da aldeia Brejo Mata Fome
Com o intuito de me formar.

Caminhava todos os dias
E cedo tinha que acordar
Andava em média 4 quilômetros
Logo começava a me arrumar.

Saía de casa às seis da manhã
Para não me atrasar
Tinha que estar na escola as sete
Para começar a estudar.

Quando passei a estudar no ensino médio
Enfrentei ainda mais dificuldade
A aula era a noite
E tinha que ter disponibilidade.

No ano de 2012
Um sério problema tive que enfrentar
Passei por problemas de saúde
E para outro estado tive que viajar.

Fui para São Paulo
Para poder me tratar
Fiquei por lá alguns meses
Sem poder estudar.

Tinha que mandar atestado toda semana
E não podia me esquecer
Pois queria me tratar
E minha saúde manter.

Quando cheguei
Foi uma grande correria
Tive que fazer todas as provas
E testar minha sabedoria.

Consegui passar de ano
Com esforço e determinação
Não foi nem um pouco fácil,
Lutei e consegui essa realização.

Realizei um dos meus sonhos
E consegui me formar
Formei o ensino médio
E meus estudos pretendia continuar.

Quando foi em 2013
Fiquei sabendo do vestibular
Quando soube que era de matemática
Comecei a me interessar.

Pelo fato de gostar de matemática
Resolvi me inscrever
Queria novos desafios
E novos caminhos percorrer.

Prestei o vestibular
E graças a Deus consegui passar
Não imaginava que ia conseguir
Esse sonho realizar.

Em 2014 vim para BH
Para meus estudos continuar
Aqui adquiri novos conhecimentos
Pretendendo professora indígena me formar.

Foto da árvore Imbaúba, que dá nome a minha aldeia.

O TERRITÓRIO XAKRIABÁ, A ALDEIA IMBAÚBA E AS NOSSAS LUTAS

Foto de um casamento indígena Xakriabá. Nos casamentos, é comum que os convidados “joguem loas”, que são rimas fazendo brincadeiras com os noivos e suas famílias.

Na minha aldeia vivem cerca de 80 famílias e mais de 200 habitantes, entre anciões, crianças, adultos e jovens. Comparada com outras comunidades, é uma comunidade considerada pequena, que fica próxima da aldeia Brejo Mata Fome. Meu pai conta que a aldeia recebeu o nome Imbaúba porque antigamente havia muitos pés de uma árvore com o mesmo nome. Nossa aldeia também já foi conhecida por Olhos d'Água, pelo fato de já ter sido muito rica em água. Com o passar do tempo, porém, o desmatamento foi aumentando e os rios foram secando, as matas foram sendo destruídas e hoje a água diminuiu bastante.

Devido à diminuição das águas dos rios e córregos foram instalados poços artesianos para que a água chegasse à casa de todas as famílias para que possam suprir suas necessidades. Aqui na aldeia temos uma escola, a Escola Estadual Indígena Bananeira, e maioria dos seus alunos, professores e funcionários vivem na aldeia. Nessa escola funciona o Ensino Fundamental I e o Ensino Fundamental II.

Temos uma liderança, meu pai Adão, que nos ajuda a correr atrás de projetos e resolve as questões internas da aldeia. Além disso, ele é responsável por manter a comunidade informada sobre questões como projetos sociais, campanhas de vacinação, distribuição de cestas básicas etc. Temos também um grupo cultural que faz apresentações do ritual Xakriabá em outras comunidades e também em municípios vizinhos.

Na minha comunidade tem muitos contadores de histórias, que contam muitas histórias dos nossos antepassados. Para nós jovens, os anciões têm um grande valor, além de serem as pessoas que, através de suas lutas, conquistaram muito do que temos hoje.

A maioria das pessoas da aldeia Imbaúba vivia do plantio de roça, mas com o passar do tempo as chuvas foram diminuindo e as secas prolongaram. Hoje muitos ainda plantam, mas colhem pouco e o que colhem serve para o próprio consumo. Devido às poucas chuvas, muitos jovens migram para outros estados para trabalhar em busca de uma condição melhor de vida, já que são poucas as ofertas de emprego na aldeia. Com isso o número de alunos jovens vem diminuindo na minha aldeia, principalmente de homens que abandonam a escola antes de completar dezessete anos em busca de emprego em outros estados.

No ano de 2009, depois de muitas lutas, minha aldeia foi beneficiada com a construção da escola. Essa escola vinha sendo cobrada há muito tempo e a sua construção era algo muito esperado e desejado pela nossa comunidade, pois tinha como objeto acomodar melhor os alunos para que pudessem receber uma educação de qualidade em um local adequado. A escola antiga, feita de

"telhão", deixou de ser usada em 2010, e já estava com sua estrutura abalada com várias rachaduras e sempre quando chovia apareciam várias goteiras. A nova escola passou a atender, então, as turmas do Ensino Fundamental I e II. Essa foi uma grande conquista para minha aldeia, pois a gente ia ter uma escola estruturada e equipada para nos atender e oferecer condições melhores para acomodar alunos e professores. Na minha aldeia não funciona o Ensino Médio, e depois que um aluno termina o Ensino Fundamental II ele tem que ir estudar na aldeia Brejo Mata Fome.

Ao todo, o nosso território Xakriabá é composto por 34 aldeias e são cerca de 10.000 indígenas e aproximadamente 50.000 hectares de terras demarcadas. Algumas áreas foram reivindicadas e estão em processo de demarcação. Temos quatro caciques e aproximadamente trinta lideranças.

Para conseguirmos essa terra onde moramos foi muito difícil, pois aconteceram muitas lutas que causaram sofrimento para o meu povo. Foi muito difícil quando houve uma grande invasão de fazendeiros que queriam de qualquer forma nos expulsar e tomar nossas terras. Nosso povo teve que lutar muito para conseguir a demarcação.

A luta pela terra é algo muito difícil de falar, pois ocorreram mortes que permanecem na memória do meu povo. O nosso cacique Rosalino foi brutalmente assassinado por pistoleiros. Ele morreu lutando em busca dos nossos direitos. Invadiram sua casa de madrugada e ele foi morto na frente de sua família. No dia 12 de fevereiro de 1987, uma chacina aconteceu: mataram o nosso cacique Rosalino e outros índios. Foi nessa data que meu povo passou por essa grande dor, já que tínhamos perdido não só nosso cacique, mas também aquele que nos defendia e lutava por nossos direitos. Essa época foi um tempo de muito sofrimento para o meu povo, e até hoje sofremos só de lembrar de tudo que passamos.

Depois dessa chacina, nosso povo não parou de lutar para permanecer em nossas terras. Nossas terras ainda não foram demarcadas totalmente, já que quando houve a demarcação várias de nossas terras ficaram de fora. A luta do meu povo não é só pela demarcação: lutamos também por uma educação diferenciada, pelo direito de poder educar da nossa forma e de um dia poder chegar a um modelo de educação respeitada por todos, em um modelo nosso e não imposto.

A nossa luta nunca vai parar, pois cada dia que passa vai se tornando ainda mais difícil garantir nossos direitos e fazer com que os já conquistados sejam cumpridos. São tantas as leis que surgem para nos derrubar e são tantos governantes tentando nos oprimir que às vezes parece difícil inclusive reivindicar. Muitos que estão no poder têm apenas interesse próprio e fazem apenas aquilo que vão os favorecer; mas é diante das batalhas que nos tornamos mais fortes para continuar a luta com a esperança de um dia poder vencer.

Então da minha aldeia
Tenho muitas coisas para falar
O povo de lá é acolhedor
E gosta muito de conversar.

Deu-se o nome de Imbaúba
Pois antes tinha essa árvore por lá
Mas com o desmatamento
Poucos pés de imbaúba é possível encontrar.

Tem aproximadamente 80 famílias
E mais de duzentos habitantes
Tem crianças, adultos, jovens
E anciãos tem bastante.

Meu pai conta que minha aldeia
Os rios corriam sem parar
Tinha água em abundância
E todos podiam usar.

Era tanta água
Que minha aldeia até tinha outro nome
Chamava Olhos d'Água
Pois a água era bastante

Hoje a água é pouca
Uma nova realidade
Já temos poço artesiano
Que abastece nossa comunidade

Minha aldeia Imbaúba
É fácil de localizar
Município de São João das Missões
Território indígena Xakriabá.

A luta pela terra
Não é fácil de falar
Pois ocorreram mortes
Que nem consigo explicar.

O cacique Rosalino
Aqui vou lembrar
Ele morreu lutando
Pelo nosso povo Xakriabá.

Ele foi morto por pistoleiros
Atacado na madrugada
Foi pego de surpresa
Com a sua casa sendo arrombada.

Naquela mesma madrugada
Ele veio a falecer
Deixando filhos e esposa
Sem poder os defender.

Ele foi muito corajoso
E a sua coragem aqui vou citar
Morreu defendendo o nosso território
Para que aqui pudéssemos morar.

Ele queria ver a nossa terra
Totalmente demarcada
Mas os pistoleiros
Impediram a sua jornada.

Ele ia sempre a Brasília
Para a terra ser homologada
Defender nossos direitos
E nossa terra ser demarcada.

12 de fevereiro de 1987
É algo que nunca vamos esquecer
Pois foi nessa data,
Que a chacina veio a acontecer.

Morreu Rosalino
E outros guerreiros Xakriabá
Os pistoleiros covardes
Sua única intenção era matar.

Amaro e seu grupo
Invadiu causando muita dor,
Matando o nosso cacique
Meu Deus, que horror.

Eles tiveram sangue frio
E muita covardia
Mataram vários índios
Tirando-os da sua família.

Nossas terras foram demarcadas
Não demarcadas totalmente
Algumas estão em processo
E outras demarcadas parcialmente.

As terras demarcadas
Tem bastante diversidade
São aproximadamente 50.000 hectares
34 aldeias incluindo a minha comunidade.

A cultura do meu povo
É algo sem explicação
Tem cantos e encantos
Que fazem parte da nossa tradição.

A cultura para mim
É algo que se deve respeitar
Respeitar as tradições
E os costumes do lugar.

É muito importante pra mim
Que nem consigo descrever
A cultura define um povo
E os seus modos de viver.

O meu povo tem cultura
E aqui vou citar
Dançamos a nossa dança
Ao som do maracá.

Tem vários esportes tradicionais
Que é muito fácil de praticar
Tem arco e flecha, luta do toco
E outros não consigo nem lembrar.

Um dos nossos costumes
É a pratica do ritual
Dançamos o Toré
Para fortalecer a parte espiritual.

A cultura do meu povo
Vem desde o ancião
Que ensina para os jovens
Passando de geração para geração.

A IMPORTÂNCIA DO FUTEBOL E A CONSTRUÇÃO DESTE PERCURSO

Foto durante uma manifestação em Brasília, no ano de 2016. Na foto, Durkwa, indígena Xakriabá da aldeia Imbaúba.

O futebol é muito importante na vida e no dia a dia do meu povo e, de forma geral, passou a fazer parte da nossa cultura. Vejo que esse esporte atrai pessoas de todas as idades. Quando paro para observar as pessoas jogando futebol, é impossível não perceber a interação, o diálogo e o interesse em praticar o esporte. As crianças gostam muito de jogar e desde muito pequenas se apegam ao futebol de tal forma que nada o substitui, sendo essa prática a brincadeira preferida deles. Como são muitos os motivos para ter a convicção de que esse esporte não é só mais um esporte e sim algo que se tornou parte da nossa cultura, foi meu interesse entender como o futebol está presente na minha comunidade.

Muitos dizem que a importância do futebol dentro das comunidades é manter os jovens unidos e ativos, além de fazer com que eles sigam por bons caminhos e, assim, ajudá-los no futuro. Dentro daquele ambiente tem descontração, bons conselhos, incentivo e várias outras coisas que nós Xakriabá consideramos como importantes para os jovens de hoje. Ali aprendem basicamente o que precisam para seguir em frente: é como uma escola onde se adquirem saberes e conhecimentos para uma vida toda.

Com a chegada das tecnologias, os jovens se desligam de várias coisas fundamentais na sua vida, mas o que percebo é que a maioria não abandona o futebol e nem mesmo deixa de praticá-lo. Acontecem casos de abandono e desligamento do futebol, mas são casos difíceis de ocorrer, pois o futebol em nossa comunidade é algo fundamental.

As pessoas de mais idade também acompanham essa prática e é muito importante para eles poder ir aos jogos, assistir as partidas e incentivar os jovens. É de extrema importância manter essas pessoas envolvidas nessa prática, pois foram eles os responsáveis por preservá-la e por ensinar os jovens. Como sabemos, essa prática vem desde os nossos antepassados e vem sendo passada de geração em geração.

Com o passar tempo, o futebol vai sendo cada vez mais praticado e valorizado, pois a cada geração é um novo conhecimento e uma nova descoberta. Se os nossos antepassados começaram a prática com uma bola feita de mangaba e as traves de madeira, hoje são bolas e campos específicos para futebol, os mesmos usadas pelos não-indígenas. Tudo foi se modificando com o passar do tempo, e acredito que futuramente serão outros materiais utilizados.

Dentro das aldeias o futebol vem se tornando muito importante para as pessoas. Percebo que as pessoas não apenas aderiram à prática, mas também a trouxeram para dentro da sua vida e para o seu cotidiano. Por esse motivo, entendo que ele é de extrema importância para todas as

pessoas praticantes e para as que acompanham o esporte. Mesmo as pessoas que não jogam ou não praticam o futebol, não ficam sem ir nas partidas e torcer pelo seu time. As partidas de futebol reúnem centenas de pessoas de várias aldeias e de municípios vizinhos, todos empenhados em ver o futebol praticado. De uma forma geral, ele é muito importante, pois o futebol passou a fazer parte da nossa cultura Xakriabá.

Para entender como o futebol está presente no território indígena Xakriabá realizei cinco entrevistas com moradores das aldeias Imbaúba, Brejo Mata Fome e Itapicurú. As entrevistas tiveram como temas os primeiros contatos com o futebol; a importância do futebol para as famílias e de como o esporte é passado de geração para geração; a prática do futebol pelas meninas e mulheres e as resistências encontradas; o modo como os jovens veem o futebol em suas vidas; e a presença do futebol na escola.

Para discutir esses temas, conversamos com diferentes pessoas do território Xakriabá. Na primeira entrevista, conversei com o Senhor Saturnino, um ancião da aldeia Imbaúba. A segunda entrevista foi realizada com meu pai, Adão, uma liderança da aldeia Imbaúba. A terceira e quarta entrevistas foram realizadas com Nemerson e Edvan, jovens que vivem nas aldeias Brejo Mata Fome e Itapicurú, respectivamente. Na quinta e última entrevista participaram Daiane e Francinete, moradoras da aldeia Imbaúba.

Neste trabalho apresentaremos as conversas das entrevistas de duas maneiras: um texto que apresenta os entrevistados, seus modos de vida e o que dizem sobre alguns dos temas trabalhados; e, logo depois, transformamos as entrevistas em rimas, que são uma forma de expressão muito comum e importante para nós Xakriabá. As rimas, por exemplo, estão presentes nas brincadeiras de roda, como "Chora Bananeira", "Ariri", "Homem do Boné", entre outras; nos desafios de rimas que são realizados em eventos; nos batuques, músicas, danças e rituais; e também nos casamentos, nos quais as rimas são chamadas de "loas", que são rimas que fazem algazarras com os noivos, com as senhoras de idades, com os casados etc.

Em 2017 estou trabalhando
Numa aldeia próxima da minha
Dou aulas de matemática
Em uma escola na aldeia vizinha.

Sempre quis ser professora
E graças a Deus estou atuando
Me formo em 2018
E nesta área estou lecionando.

Tinha o sonho de ser professora
Pois queria ensinar para não esquecer
Trocar experiências com os alunos
E com eles também aprender.

O professor também é um aluno
Isso pode se observar
Ele ensina e ao mesmo tempo aprende
E com certeza isso posso afirmar.

Desde muito pequena
Sempre gostei de ver meu povo jogar
E tinha algo nos jogos de futebol
Que eu não conseguia parar de olhar.

Ficava sempre imaginando
Como quem joga aprendia
Mas o porquê daquela paixão
Era o que eu não entendia.

Ainda criança meu pai
Sempre me levava para assistir
A cada vez mais gostando
Dos campos não conseguia sair.

Fui aos poucos crescendo
Vendo minha família jogar
Sempre existiu o time da minha família
E eu nunca deixei de os acompanhar.

Eu via meu pai e meus tios
Aos mais novos ensinando
Ensinava com tanta paciência
Que logo, eles já estavam jogando.

Isso era tão bonito
Que eu queria entender
Como que isso acontecia
Sem ninguém perceber.

Com o tempo fui percebendo
Que isso era uma tradição familiar
Que era passado de pai para filho
Sem ao menos se notar.

Quando passei em matemática
Já tinha pensado no que ia pesquisar
Queria estudar melhor o futebol
Que virou tradição no Xakriabá.

Acho esse tema importante
Pelo fato de fazer muita gente mudar
Deixar as drogas e o álcool
Para o esporte praticar.

Está na tradição do meu povo
Está em todo lugar
O futebol é muito importante
E aqui quero relatar.

É um esporte
Que passou a fazer parte da tradição
Em cada aldeia tem um time oficial
Que disputa nossa competição.

A importância desse tema
É para mim, para minha formação
Queria pesquisar algo novo
E deixar minha contribuição.

Pois queria pesquisar algo que gostasse
E que fosse diferente
Como me identifico com esporte
Decidi seguir em frente.

Acho lindo a história
De como surgiu o futebol na minha comunidade
Sempre quis deixar isso registrado,
E vi no percurso a minha oportunidade.

Quando achei essa oportunidade
Fui falar com o ancião
Queria deixar registrado
Para a futura geração.

Ele é uma pessoa
Que já está bem de idade
Se eu não fizer esse registro
Corre o risco de perdemos essa preciosidade.

Esse tema para minha formação
É fundamental e muito importante
Não só como professora
Mas também como estudante.

Acho que seria legal
Algo na área em que vou atuar
Mas na hora de decidir
O esporte era o que eu queria pesquisar.

Queria produzir
Algo bem diferente
Um material com desenhos e rimas
E achei a ideia excelente.

Neste meu trabalho de conclusão de curso
Quero algo novo
Desenvolver um material de qualidade
Para apresentar para o meu povo.

Senhor Saturnino, conhecido como Senhor Satur, ancião da aldeia Imbaúba

SENHOR SATURNINO, NOSSO ANCIÃO E O CONTATO DOS XAKRIABÁ COM O FUTEBOL

O senhor Saturnino é um ancião da minha aldeia. Conhecido e respeitado por todos, ele tem 82 anos de idade, e é uma referência para os jovens da comunidade. Lembro-me que desde pequena o ouço contar histórias; histórias de antigamente e também histórias da sua vida.

Ele tem uma história de vida muito difícil e contou que quando era criança enfrentou muitas dificuldades, pois perdeu seus pais muito cedo e foi criado apenas pelos seus avós. Aos quatorze anos ele foi obrigado a se casar, mas o casamento durou pouco: ficou casado mais ou menos um mês e logo se separou. Depois da separação, foi morar em outro estado e por lá ficou doze anos.

Naquele tempo era muito diferente de hoje, muitos indígenas não tinham documentação para viajar para outro estado. Ele conta que viajava de Minas Gerias para São Paulo apenas com um documento que retirava no cartório, um cartão que valia por 90 dias. Ao vencer os dias estabelecidos era necessário ir a um cartório e fazer a renovação do cartão. Quando voltasse, era necessário trazer esse cartão de volta e devolver ao cartório.

São tantas histórias que me lembro que fica até difícil escolher uma para contar, mas as histórias sobre o futebol são as mais interessantes. Quando foi embora para outro estado conheceu a "bola". Conta que trabalhava o dia todo e que tardezinha ia para o campo jogar futebol. Aprendeu a dar dribles e aprendeu também as regras principais do jogo. Voltando para Minas Gerais, resolveu ensinar aos seus companheiros que ficaram por aqui

Quando voltou, veio o segundo casamento e, segundo ele, nesse tinha certeza do que ele queria. Teve seis filhos e conta que foi muito feliz. Passou por dificuldades para criar seus filhos e trabalhou de sol a sol nas roças em outros estados, pois não tinha estudo e trabalhar nas aldeias era muito difícil.

Como esse ancião é de extrema importância para meu povo, resolvi entrevistá-lo. Diante das histórias que ele conta seria quase impossível não ter a vontade de deixar isso registado, porque para mim é fundamental deixar essas histórias para as futuras gerações. Tive o privilégio de conviver e crescer ouvindo suas histórias, mas talvez muitos outros jovens não terão essa oportunidade.

Como cresci ouvindo suas histórias sobre futebol no território Xakriabá, decidi que isso seria meu tema de pesquisa. Ele fala sobre como surgiu o futebol no Xakriabá e sobre como ele construiu uma bola para que pudessem jogar. Acho essa história muito importante, pois algumas pessoas são apaixonadas por futebol e não sabem ou não procuram saber sobre como surgiu o futebol entre os Xakriabá. Além disso, meu maior desejo é poder homenagear esse ancião, deixar sua história registrada e assim garantir que seu conhecimento será reconhecido e lembrado sempre.

Esse ancião é uma referência na comunidade e gosta muito de ensinar tudo que sabe, gostou de ser entrevistado e disse que seu maior desejo é deixar tudo o que ele sabe para os jovens, pois ele acredita que o jovem capacitado saberá a hora de certa de passar o conhecimento a ele ensinado.

A entrevista foi realizada na casa do ancião senhor Saturnino, na aldeia Imbaúba, território indígena Xakriabá, no dia 26 de agosto de 2016, e teve a duração de 27 minutos. Considero que a entrevista foi muito importante, já que dialogamos muito um com o outro e ele respondeu todas as minhas perguntas e tirou as minhas dúvidas. Aprendi muito com ele e acredito que essa entrevista contribui muito para meu aprendizado.

Durante a entrevista, pude perceber que o Senhor Satur, como é conhecido, estava à vontade e não encontrava dúvidas para responder às perguntas propostas. Não apresentou timidez pelo fato de já termos conversado várias outras vezes. Em diversos momentos, o questionei se ele estava se sentindo à vontade para falar ou se ele preferia falar em outro dia. Ele respondia que estava à vontade e que queria muito me falar de tudo que ele sabia sobre o tema proposto.

A entrevista era algo tão esperado que aquele momento se tornou único. Por mais que eu já conhecesse algumas de suas histórias, ele ainda não tinha me contado detalhadamente alguns fatos e naquele momento eu me via vivendo aquelas histórias. Foi tão contagiante que eu viajei. O senhor Saturnino foi muito espontâneo e não deixou de contar nada. Acredito que juntos atingimos nossos desejos, que eram poder dialogar, tirar dúvidas, esclarecer fatos e poder registrar as histórias sobre o futebol.

Falando um pouco mais sobre esse ancião, quero aqui destacar o seu papel na minha comunidade, já que é uma pessoa muito dedicada e que está sempre disposta a ajudar. É um grande benzedor na minha aldeia: faz benzimentos em crianças doentes que estão precisando de ajuda e, por isso, torna-se admirado por crianças, jovens, adultos e por outros anciões. Desde criança convivo com ele e admiro muito suas histórias, que me inspiram. Diante das suas dificuldades, encontrava forças no futebol para seguir em frente. É como ele disse: por diversas vezes pensou em abandonar tudo, mas o futebol mostrava uma luz no fim do túnel, que era possível sim superar as dificuldades. Ele era capaz e durante as partidas percebia que não era nada sem o futebol. Não era apenas um esporte, mas a sua vida.

Esse ancião se chama Saturnino
É membro da minha comunidade.
Na minha aldeia ele é muito conhecido
Pois ele é um dos de mais idade

Desde de pequena
Ele sempre me contava histórias
Falava de várias coisas
Que estavam guardadas na sua memória.

Ele tem uma história de vida
No entanto complicada
Ele me contou que foi para outro estado
E que na sua vida aconteceu muita coisa engraçada.

Então vou começar
A contar da sua infância
Ele jogava pateca
Que era uma brincadeira de criança.

Depois veio a bola de pano
E ele começou a jogar
Mesmo quando se mudou
Não deixou de praticar.

Mudou-se para Itacarambi
E depois voltou para Missão
Lá aprendeu a jogar futebol
Que foi para ele grande emoção.

Quando estava na missão
Foi feito um campo para o povo jogar
Fizeram um campo grande
E todo dia eles iam treinar.

Ele conta que morou em vários estados
E era um grande jogador
Nas suas partidas de futebol
Era um goleador.

No seu primeiro casamento
Foi muito complicado
Ele se casou com 14 anos,
Pois foi obrigado.

Assim que ele se casou
Ficou 12 anos fora do seu lugar
No meio do mundo ele destinou
Sem ao menos vim passear.

Naquele tempo era tudo diferente
Pois documento não existia
Ia em São Paulo sem preocupação
E não era necessário documentação.

Não tinha nenhum pedacinho de registro,
No cartório dava um cartão
Valia por 90 dias
Quando vencia tinha que fazer a renovação.

Quando fosse para vim embora
Trazer o cartão era obrigatório
Tinha que entregar o documento
Que era sempre provisório.

Em todo lugar que ele chegava
Seu futebol tinha que mostrar
Vinha o pessoal com aquela implicância
O chamando para jogar.

Ele era muito conhecido
Pois viajava vários estados
As pessoas o chamavam de caboclo
Pois era assim que os índios eram tratados.

Seu pai e sua mãe morreram muito cedo
E ele não os tinha para aconselhar
Foi criado por sua avó
E outros membros do grupo familiar.

Depois veio o segundo casamento
E esse sim ele tinha certeza do que queria
Casou-se com sua esposa Fortina
Que foi sua maior alegria.

Ele morava no Itacarambizinho
E depois se mudou para o Sapé
Mas recebeu um convite que não pode recusar
Foi convidado para na aldeia Brejo ir morar

Naquele tempo
Ainda não tinha sido dividido
Brejo era a mesma Imbaúba
Assim era conhecido.

Rodrigo era nosso cacique
Mais conhecido como Rodrigão
Foi quem fez este convite
Para esse ancião.

Rodrigo queria que o senhor Satur
Fosse para a aldeia Brejo ensinar o que ele sabia
Ele jogava muito bem o futebol
Que na aldeia Brejo ninguém conhecia.

Pensou primeiro na ideia
De um campo construir
Para ensinar o futebol
Para aquelas pessoas dali.

Mandaram o senhor Satur
Uma bola ajeitar
Ele logo teve a ideia
De no tabuleiro procurar.

Foi procurar uma arvore
Chamada mangaba
Pois ela tem um leite
Semelhante a borracha.

Depois de retirar a mangaba
Retirou o leite e ia enrolando
Dando forma a bola
Que cada vez mais redonda ia ficando.

Depois que construiu a bola
Ele pôs para secar
Deixou secar por três dias
Para começar a jogar.

Ele conta que essa bola
Era, no entanto, muito pesada
Só que como não tinha outra
Assim mesmo foi usada.

Rodrigo, nosso cacique
Ainda duvidou
Mas quando jogou a bola no chão
Ela pulou e rolou.

Foi uma grande alegria
Acompanhado de emoção
Pois pela primeira vez
Puderam tocar na bola com as mãos.

Daí então começaram a diversão
Dava um chute e caíam na risada
O chute não ia muito longe
Pois a bola era muito pesada.

Ele conta que na primeira partida
A bola começou a rolar
Aconteceram coisas engraçadas
Pois eram faltas sem parar.

Só ele entendia das regras
E para os outros começou a ensinar
Os ensinou a dar chutes
E também como driblar.

O campo encheu de gente
E muitos queriam assistir
Aquele esporte era novo
Que se via por ali.

Ele conheceu vários estados
Pois tinha que ir trabalhar
Porque na sua terra
A sua família não tinha como sustentar.

Ele percebia que por mais que ficasse longe
Um dia teria que voltar
Queria estar com seu povo
E junto do seu grupo familiar.

Esse ancião para meu povo
É mais do que importante
Ele conta histórias de antigamente
E que era tudo diferente.

Ele é uma pessoa
Que sempre está disposto a ajudar
Ele diz que tudo o que sabe
Para os jovens quer deixar.

Ele é também um benzedor
E sabe bastante oração
Sempre ajuda as pessoas
Nos momentos de aflição.

Quando tem uma criança doente
Ele é a referência
Pois ele dá remédios
E nisso ele tem experiência.

A sua experiência é enorme
E eu admiro esse ancião
Ele é um exemplo de pessoa
E por ele tenho uma grande admiração.

Conta histórias como ninguém
E sempre gosto de ouvir
Quero aprender para um dia contar
Para os jovens Xakriabá.

Foto do time da Bananeira, em 1984/1985, quando o Sr. Amerindo, pai do Sr. Adão, comprou uma “bola de capotão”, sendo realizado um torneio para estreá-la. Ao fundo, vemos pés de bananeira que deram origem ao nome do time.

O FUTEBOL E SUA RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS XAKRIABÁ

Time da Bananeira, em 2017, na Abertura do Campeonato Indígena.

O futebol está presente no dia-a-dia das famílias aqui do território, passou a fazer da nossa cultura e hoje é sem dúvidas o esporte mais praticado entre os jovens, as crianças e os adultos. Nas aldeias têm vários times de futebol, praticamente um time por aldeia. Na maioria das vezes o time é formado por familiares e essa tradição vem desde nossos antepassados. Esses times disputam o Campeonato Indígena, torneios municipais e várias outras competições que ocorrem dentro e fora das aldeias.

O esporte é passado de pai para filho e é muito legal fazer essa observação. Percebo que os pais têm um grande interesse em ensinar o esporte para seus filhos, além de incentivá-los a praticá-lo. A prática do esporte é fundamental na vida dos jovens, pois ajuda no preparo físico e a manter a mente ocupada, tirando situações ruins que ocorrem em nossa aldeia, como suicídios, drogas, álcool ou violência. Dentro de campo é fundamental saber respeitar o adversário e, por isso, o é educado também dentro de campo.

O futebol faz parte das famílias, principalmente da minha. O time da minha família se chama "Bananeira". Esse time é o maior vencedor de competições é chamado de "time campeão de tudo". O time é formado apenas por familiares, tendo como capitão meu pai (Adão), que é o jogador mais velho da Bananeira, com 49 anos. No time são seis irmãos do meu pai, todos titulares, um filho do meu pai e o restante são sobrinhos e primos. É uma família muito unida e dentro de campo há muito diálogo, interação e respeito. Meu pai tem muito orgulho desse time, pois ele viu alguns jovens praticamente nascendo e hoje já dividem o mesmo espaço dentro de campo. Esses jovens aprenderam com meu pai e meus tios a jogar futebol, e o esporte vem sendo passado de geração em geração.

O futebol une as famílias, pois treinam juntos, discutem táticas para vencer as partidas e dividem aquilo que esteja sentindo dentro de campo. É muito importante a união dentro de campo e fora dele também. Vejo que minha família é muito unida fora e dentro de campo, percebo que um ajuda ao outro e os jovens interagem mais com os adultos, pois precisam adquirir experiências e conselhos sobre os caminhos a seguir.

Entrevistei meu pai Adão. Ele é o capitão do time da Bananeira, mora na aldeia e é também uma liderança. Ele me contou um pouco de sua história: contou que quando criança via seu pai jogar e aprendeu a jogar com ele. Meu pai gosta muito de praticar esportes e sua maior paixão é o futebol. Conta que seu pai deixou essa herança para que fosse passada de geração em geração. Foi através de seu pai que a ideia de criar um time surgiu: primeiro começou a treinar nos "campinhos"

pequenos, depois seu pai mandou crescer o campo, pois queria que eles formassem um time para um dia para disputar grandes competições.

O time foi treinando e ficando cada vez melhor. Meu pai conta que todos eram muitos esforçados e dedicados. Quando começaram o time ainda não tinha nome, mas como ao redor do campo tinha vários pés de banana, decidiram colocar o nome de "Bananeira", e esse nome permanece até hoje. De quando criou o time pra cá, meu pai conta que foi só alegria, e tem maior orgulho de fazer parte desse time que é uma grande família.

Eu resolvi entrevistá-lo porque meu pai é um grande conhecedor do futebol em família. Ele é uma pessoa que além de liderança é um grande jogador de futebol, e vejo nele uma pessoa que realmente não mede esforços para ensinar os jovens da aldeia e tirá-los dos caminhos errados. Ele é um exemplo de pessoa e apesar da idade sempre busca trazer benefícios aos jovens, sendo muito persistente. Vejo nele um caminho a seguir, pois diante das dificuldades que meu pai passou nunca ouvir ele falar de desistir. Toda vez que vejo um jovem pensando em desistir, cito a história do meu pai, fazendo dele um exemplo.

A entrevista foi interessante, pois conheci um pouco mais a história do meu pai e da família Bananeira. Percebi que meu pai tem um grande interesse em deixar isso registrado e ele ficou muito entusiasmado com a entrevista. Durante a gravação, ele respondeu todas as minhas perguntas, esclareceu dúvidas e ficou muito à vontade para contar a história da família Bananeira. Ele, ao falar dos jovens, fala de uma maneira muito especial. Sinto que ele é muito cauteloso ao se tratar dos jovens, pois os considera peça fundamental para a continuação do time e de nossa cultura. Essa entrevista foi realizada na minha casa, na aldeia Imbaúba, território indígena Xakriabá, no dia 29 de agosto de 2016, às 11h20min, com a duração de 5 minutos e 57 segundos.

Na minha aldeia tem vários times
E todos gostam de jogar
Depois de terminado o serviço
No fim do dia eles vão treinar.

Treinam em dois campos
Campo Imbaúba e Bananeira
Jogam um time contra o outro
Fazendo aquela brincadeira.

Esses times participam
De torneios em todo lugar
E representando as aldeias
Jovens e adultos vão jogar.

O futebol faz parte das famílias
Seus membros em sua formação
Na minha tem o time da Bananeira
Que tem como base os sete irmãos.

O futebol na minha comunidade
Vem sendo passado de geração em geração
Faz parte da vida em família
O futebol virou tradição.

Com a chegada do futebol
As famílias ficaram mais unidas
Pois treinam todos juntos
E discutem para vencer as partidas.

Aqui no Xakriabá
Minha família é muito conhecida
Por ser um grande time de futebol
E também por ser muito unida.

Comecei a conversar com meu pai
Sobre o futebol aqui no Xakriabá
Ele fala sobre a importância
Das pessoas esse esporte praticar.

Meu pai chama-se Adão
E tem 49 anos de idade
Ele muito conhecido em outras aldeias
E também em minha comunidade.

Ele me contou sua história
E desde criança, aqui sempre morou
Sempre esteve em Imbaúba
E daqui jamais se mudou.

Ele é liderança aqui na aldeia
E exerce um papel importante
Ajuda as pessoas da comunidade
Conforme a necessidade.

É uma pessoa
Que está pronto para ajudar
Quando na aldeia tem algum problema
Da melhor forma tenta solucionar.

Na conversa com o meu pai
Perguntei, “o que o futebol significa?”
Ele me respondeu assim:
“Se eu for falar tudo, nossa conversa não terá fim.”

O futebol vai muito além do jogar
E está presente no nosso dia-a-dia
Pra mim o futebol é arte
É união, é alegria.

O futebol está presente na minha família
O futebol é nossa paixão
E é de extrema importância
Para um povo e para uma nação.

Me lembro que no futebol
Muitas coisas tivemos que enfrentar
Como perdas de amigos e parentes
Em que usamos o futebol para superar.

Não foi fácil nem um pouco
Sempre que íamos jogar
Lembrávamos daquele parente
Que presente não podia estar.

Jogávamos por ele e para ele
Sempre com grande emoção
Pois aquela pessoa, meu tio
Era a nossa maior motivação.

A família Bananeira
Não sei como explicar
É um time de futebol
Que me orgulho em falar.

Já conquistamos vários títulos
Com muito esforço e dedicação
Lutamos por nossos objetivos
Com muita garra e união.

De como surgiu o time da Bananeira
Meu pai tem pouca lembrança
Ele é um time bem antigo
De quando ainda era criança.

Conta que foi através do seu pai
Que a ideia foi amadurecendo
Surgiu dele a iniciativa
E começou em um campinho pequeno

Depois seu pai mandou crescer o campo
Para ali poder jogar
Queriam formar um time
Para o torneio disputar.

O time foi treinando
E todos eram muito esforçados
Foi ficando cada vez melhor
Pois eram muito dedicados.

Ainda não tinha o nome do time
Quando começamos a jogar
Mas como na beira do campo tinha pés de banana
Então Bananeira passou a chamar.

Colocamos esse nome
Que deu muito certo
Esse nome permanece até hoje
Fazendo o maior sucesso.

De quando criou o time pra cá
Foi só alegria e muita união
Sempre ensinando os mais novos
E isso vem sendo passado de geração em geração.

Hoje tenho sobrinhos
Dos quais posso me orgulhar
Eles são muito bons de bola
E fomos nós que ensinamos a jogar.

E isso vem sendo passado
De pai para filho desde criança
Me lembro que foi meu pai
Que me deixou essa herança.

Conforme eles vão crescendo
A gente está pronto para ensinar
Ensinamos não só a jogar
Mas também ao adversário respeitar.

O respeito dentro de campo
É bonito de se ver
O respeito é coisa fundamental
Que os jovens devem ter.

Meu pai ainda me contou
Que pretende continuar
Pois ele é incentivo
Para os jovens o futebol não abandonar.

Apesar da idade
O pensamento dele é não parar
Enquanto ele estiver aguentando
Muitas competições pretende disputar.

Ele me contou ainda
Que muitos jovens ele pretende ensinar
O futebol é um bom caminho a seguir
Para o jovem da tradição participar.

Foto do time “Itapicurú”, um dos times formados por jovens, durante o Campeonato Indígena de 2017.

O FUTEBOL NA VIDA DOS JOVENS XAKRIABÁ

Os jovens são peças fundamentais para o futebol, pois são eles que futuramente vão poder passar esse conhecimento para as outras gerações. Para os nossos mais velhos é fundamental que os jovens cresçam como guerreiros e eles dão o apoio preciso para que não desistam e agarrem as oportunidades. No território Xakriabá, os jovens são a maioria e eles são de extrema importância para meu povo, eles são responsáveis por buscar conhecimento e garantir o futuro das futuras gerações. São eles que irão nos defender, buscando nossos direitos e indo à luta, e muitos serão as futuras lideranças das suas comunidades. Vejo que os jovens têm um papel fundamental dentro do nosso futebol, que é aprender para um dia poder ensinar.

Aqui no Xakriabá, a maioria dos jogadores são jovens. Na maioria das vezes, são os jogadores de destaque e são eles que "resolvem" as partidas, e aprendem com os mais experientes, que são o próprio pai ou familiares próximos, recebendo incentivo para não desistir daquilo que querem conquistar, seja em campo ou fora dele. Muitos são os motivos de orgulho para o nosso povo, pois correm atrás dos seus objetivos e enfrentam os obstáculos, tornando-se guerreiros que não desiste da luta.

No território existem muitos jovens experientes e guerreiros, mas entre tantos escolhi para entrevistar dois deles, que são exemplos para o nosso povo. São jovens guerreiros, muito empenhados com o futebol e que estão a frente na luta para conquistar nossos direitos. Acho muito bonito ver a forma deles jogar e batalhar para conseguir alcançar seus objetivos e os de nosso povo.

Um dos meus entrevistados é o Edvan, de 19 anos, que mora na aldeia Itapicurú. Resolvi entrevisá-lo por ele ser um grande guerreiro, que sempre está na luta em busca dos nossos direitos, e por ser também um grande jogador de futebol. É um jovem muito ativo que sempre está disposto a ajudar o próximo. Ele incentiva outros jovens para praticar a nossa cultura e tem um grupo cultural para fazer apresentações. Ao entrevistar Edvan ele me conta que o futebol é fundamental na vida das pessoas, além de evitar que saiam fazendo coisas erradas. Dentro do futebol as pessoas se distraem e saem de caminhos errados; o futebol é um bom caminho a ser seguido. Ele também fala que a relação dos mais velhos dentro do futebol é excelente, além de incentivar os jovens, eles são um presente. O futebol não é de hoje e vem de tempos antigos, sendo os mais velhos os responsáveis por cultivar essa semente. Edvan conta que aprendeu a jogar vendo amigos praticarem o esporte, e desde pequeno que ele também o pratica, sendo muito incentivado.

A entrevista foi realizada no dia 20 de agosto de 2016, às 12h40min, com duração de 01 min e 27s. A entrevista foi na escola da aldeia Terra Preta e aconteceu durante uma partida de futebol que estava acontecendo na aldeia. Foi muito importante para mim conversar com esse

jovem, pois ainda não tinha tido o prazer de entrevistá-lo e de ouvir suas sábias palavras. Ele respondeu todas as perguntas que foram propostas sem muita dificuldade.

O segundo jovem que escolhi para entrevistar foi o Nemerson, que tem 19 anos e mora na aldeia Brejo Mata Fome. Resolvi entrevistá-lo pois é um jovem muito experiente e é motivo de orgulho para nosso povo, pois também está à frente das nossas lutas em busca dos nossos direitos. É um jovem muito experiente em relação a nossa cultura e é um incentivador para que outros jovens também pratiquem a nossa cultura, além de ter um rico conhecimento sobre futebol, sendo um grande jogador. Eu gosto muito de vê-lo jogar, já que ele sabe dar dribles e passos incríveis, tendo grande admiração por ele.

Esse jovem fala que o futebol é importante em qualquer lugar e que o futebol é muito praticado pelo nosso povo Xakriabá atualmente. No futebol você sorri, chora e faz amizade com muita gente. Falar de futebol, segundo ele, é sempre muito bom. Além de ser um esporte conhecido mundialmente, ele também é sinônimo de respeito, e é algo que está presente no nosso dia-a-dia. Nemerson cita também a relação dos mais velhos dentro do futebol, que é uma relação boa, pois os mais velhos são grandes incentivadores dos jovens. Eles procuram apresentar melhores formas de dialogo e mostram ainda caminhos a serem seguidos, sendo o futebol um desses caminhos. E essa interação é muito importante, pois a troca de experiências é um grande incentivo para nós, jovens. Ele conta ainda que aprendeu a praticar esse esporte com seus tios aqui do Xakriabá e que eles sempre o incentivaram. Toda a sua família gosta de jogar, e esse foi seu maior incentivo sem dúvidas. O mais interessante, segundo ele, é que ontem ele via seus tios jogando e que hoje estar no meio deles jogando futebol é um prazer imenso.

A entrevista foi realizada no dia 18 de agosto de 2016, às 18h30min, e teve a duração de 01min e 47s. A entrevista aconteceu na casa do entrevistado, na aldeia Brejo Mata Fome, território indígena Xakriabá. Ele respondeu todas as perguntas propostas e foi um momento inesquecível fazer essa entrevista com ele. Gostei muito do que ele contou e foi um momento muito proveitoso, pois trocamos informações e dialogamos muito, tirei algumas dúvidas e foi muito importante esta pesquisa.

De acordo com a entrevista dos jovens, os nossos mais velhos têm uma grande importância dentro do futebol. Além de serem incentivadores dos jovens, os mais velhos também são o espelho do jovem, são neles que se espelham para seguir em frente e enfrentar os obstáculos. Vejo que o jovem é o fruto da árvore que foi cultivada pelos nossos mais velhos, sendo que eles são a árvore que deram esses frutos e que nunca deixaram de regar.

Os jovens são muito importantes
E eles tem um caminho a seguir
Pois eles são nosso futuro
E mais à frente vão nos substituir.

Vão dar seguimento a nossa luta
E muitas coisas vão conquistar
Os jovens guerreiros
É quem vai lutar pelo nosso povo Xakriabá

Os jovens de hoje
Tem o futuro nas mãos
Eles precisam compreender
Que eles serão o futuro da geração.

Edvan da aldeia Itapicurú
Conta que o futebol é fundamental
Além de evitar que as pessoas
Saiam fazendo coisas erradas e tal.

Dentro do futebol
As pessoas acabam se distraindo
Ele os tira de caminhos errados
Para que outros caminhos possam estar seguindo.

A relação dos mais velhos
Dentro do futebol é excelente
Além de incentivar os jovens
Os nossos mais velhos são um presente.

Pois o futebol não é de hoje
E vem desde antigamente
Os mais velhos foram os responsáveis
Por cultivar essa semente.

Edvan conta ainda
Que foram os amigos que o ensinaram
E desde pequeno ele joga
E muitas pessoas o incentivaram.

O futebol dentro das comunidades
Nunca pode acabar
Pois ele é muito importante para nós
Povo indígena Xakriabá.

Conversei com Nemerson
Que é um jovem da aldeia Brejo
E ele começa a falar
Que futebol é importante em qualquer lugar.

O futebol é muito praticado
Pelos Xakriabá atualmente
Nele você sorri, você chora
E faz amizade com muita gente.

Falar de futebol é muito bom
Além de ser conhecido mundialmente
É sinônimo de respeito
É algo que na nossa vida está presente.

A relação dos jovens com os mais velhos
No futebol é muito boa
Pois os mais velhos procuram apresentar
Melhores formas e respeito para com os jovens dialogar.

Os mais velhos mostram
Os caminhos a serem seguidos
O esporte, por exemplo, é o caminho
Que os mais velhos querem que seja percorrido.

Nemerson cita ainda
Que acha importante essa interação
Dos mais velhos com os jovens
Passando experiência e motivação.

Ele aprendeu a praticar o esporte
Com seus tios aqui no Xakriabá
Eles sempre o incentivaram
Pra não parar de jogar.

Toda a sua família
Gosta muito de jogar
Esse é seu maior incentivo para persistir
E jamais pensar em desistir.

O mais interessante, por exemplo
É que ontem ele assistia seus tios jogando
Hoje já está no meio deles
Tendo o prazer de estar atuando.

Nessa troca de experiência
O jovem aprende com o ancião
Ele aprende coisas importantes
Para um dia ensinar a futura geração.

Os jovens de hoje
Tem muito que aprender
Pois os mais velhos são a fonte de conhecimento
E isso não podemos esquecer.

Tudo que um ancião ensina
Um dia irá servir
Os seus ensinamentos
É preciso para o seu caminho seguir.

Foto do time formado por alunas Xakriabá do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) da UFMG.

AS MENINAS E O FUTEBOL NO TERRITÓRIO INDÍGENA XAKRIABÁ

Foto do time “As minas”, no Torneio da Aldeia, em 2016.

A história das mulheres no futebol é uma história longa que aqui vou tentar resumir. No território Xakriabá, os times de futebol femininos não são muitos se comparados aos times masculinos, mas nem por isso elas deixam de jogar. São várias mulheres guerreiras que derrubam barreiras para poder praticar o esporte. Elas conseguiram conquistar o seu espaço e, hoje, aqui no território, elas disputam campeonatos, torneios e outras competições. Apesar de alguns homens serem preconceituosos e acharem que futebol é só para os homens, vejo que essa visão foi se desfazendo com o passar dos tempos.

As mulheres conquistaram seu espaço de tal forma que hoje são poucos os homens que ainda tem resistência em relação a prática de esporte. De alguma forma, elas conseguiram quebrar preconceitos e driblar barreiras. Com o passar do tempo muitos compreenderam que a mulher não é mais aquela mulher de antigamente, aquela que só servia para cozinhar, passar, lavar e ser dona de casa. O lugar a ser ocupado não é mais só em casa, pois elas decidiram ser protagonistas de suas próprias histórias, passando de figurantes a atrizes principal. A relação da mulher no futebol nos dias atuais, já é bastante aceitável por parte dos homens, pois compreenderam que os direitos são iguais e que a mulher tem o direito de ocupar seu espaço. Os homens das aldeias não têm tanta resistência, respeitam a luta das mulheres, compreendem suas dificuldades e auxiliam em suas conquistas.

Alguns homens tentam ajudar como podem, e em alguns casos muitos são treinadores de times femininos. Ensinam-nas a jogar e atuam como conselheiros, dando conselhos para não desistir e em meio as dificuldades tenta ajudar da melhor forma possível: elas tentam seguir em frente, sabendo que dificuldades vão sempre existir, mas a vontade de seguir e escrever sua própria história é maior. Além disso, os homens apoiam bastante as mulheres no mundo do futebol, aceitam que suas esposas joguem e as apoiam de tal maneira que as levam para os jogos, ajudam nas atividades de casa enquanto elas treinam, cuidam dos filhos enquanto suas esposas estão dentro de campo. Esses são exemplos de esposos dedicados e companheiros, que fazem de tudo para ver elas felizes fazendo o que gostam.

É muito emocionante ir a uma partida de futebol feminino, pois vejo que elas têm garra, vontade e persistência; e é muito bonito ver homens torcendo por elas, apoiando-as. Elas têm muita determinação, pois suas lutas não vêm de hoje: há muito tempo elas vêm tentando ocupar e defender seu espaço.

Vou aqui lembrar também que o futebol, tanto o masculino quanto o feminino, passou a fazer parte da nossa cultura de tal forma que virou tradição entre homens e mulheres. É algo que

está presente no nosso dia-a-dia e que faz despertar dentro de nós, povo Xakriabá, uma paixão sem tamanho e sem limites, que quebra obstáculos e derruba barreiras, levando-nos à convicção de que o futebol é parte da nossa e que não vivemos mais sem ele.

Entrevistei na minha aldeia duas jovens, Francinete e Daiane. Resolvi entrevistá-las pois são duas guerreiras que praticam o esporte e fazem parte de um time chamado "As Minas". Esse time é composto só por jovens guerreiras, meninas que lutaram muito para conseguir formar esse time e levá-lo adiante. Elas são muito batalhadoras e tentam ajudar o time da melhor forma possível.

Francinete tem 16 anos e Daiane, 20 anos. Ambas moram na aldeia Imbaúba, território indígena Xakriabá. Elas contaram que o futebol é muito importante em suas vidas. Contam que dentro de campo há muito respeito e que é onde se aprende e se trocam experiência, sendo o futebol um bom caminho a ser seguido. Segundo elas, dentro de campo esquecemos de tudo que se passa lá fora, esquecemos dos problemas, das coisas ruins, e tudo que nos afeta vai se desfazendo. Falaram também das resistências de alguns homens e da dificuldade superá-las, pois alguns ainda não compreenderam que o mundo mudou e não são capazes de aceitar as mudanças. Já outros aceitam totalmente e as apoiam para continuar a seguir em frente, e muitos atuam como treinadores delas ajudando a vencer obstáculos e derrubar barreiras existentes no mundo do futebol feminino. Dentro de campo é importante superar esses obstáculos, pois ao superar é como se déssemos um passo para frente.

A entrevista foi realizada no dia 22 de agosto de 2016 e as entrevistei na nossa casa na aldeia Imbaúba, território indígena Xakriabá, município de São João das Missões – Minas Gerais. Fizemos uma conversa anterior a entrevista e expliquei a elas o assunto a ser abordado, e elas aceitaram ser entrevistadas. Acho que na conversa que tivemos antes da entrevista elas falaram mais. Elas não tiveram dificuldade nenhuma para responder as perguntas e colocar suas questões. Chamou-me muito atenção a forma em que elas destacam o futebol como um caminho a ser seguido e achei muito importante elas colocarem essa questão, pois nos dias atuai é difícil para os jovens seguir um bom caminho, pois são tantos os problemas enfrentados que eles acabam se perdendo em meio a sua jornada. Tomam rumos prejudiciais e muitas vezes sem volta, alguns por falta de apoio ou conselhos e outros por opção ou ambição. Por isso, é de fundamental importância conscientizar os jovens, ou tentar alertá-los dos perigos existentes em alguns caminhos que o mundo oferece.

Nas aldeias em geral
Aqui vou citar
Tem vários times de meninas
Que gostam de jogar.

Jogam o futebol
E é bonito de se ver
Sabem dar dribles
E mostram o que sabem fazer.

A relação da mulher no futebol
Já é bastante aceitável nos dias atuais
Pois os homens compreenderam
Que elas têm direitos iguais.

Os homens das aldeias
Já não têm tanta resistência
Respeitam a luta das mulheres
Que conquistaram seu espaço por persistência.

Alguns homens das aldeias
Dos times femininos é treinador
Eles fazem o possível
Para o time ser vencedor.

Ajudam como podem
E as ensinam a jogar
Passam toda sua experiência
Para as barreiras driblar.

Mas no futebol feminino
Nem tudo é perfeito
Ainda tem alguns homens
Que veem a mulher que joga como um defeito.

Alguns são machistas
E não são capazes de aceitar
Não deixam as filhas e a esposa
O futebol praticar.

Conversei com minhas irmãs
Elas contaram as dificuldades
Que enfrentam para jogar futebol
Em nossa e outras comunidades.

Daiane e Francinete
São jovens da minha comunidade
Daiane com 20 anos
E Francinete 16 é a sua idade.

Daiane fala que o futebol é importante
E é um bom caminho a seguir
Tira jovens de espaços ruins
E mostra outra direção para prosseguir.

No campo é um lugar
Onde esquecemos tudo que está acontecendo
Esquecemo-nos dos problemas
E as coisas ruins vão desaparecendo.

Francinete conta
Que os homens não têm muita resistência
Pois permitem elas jogar
E são os primeiros a apoiar.

Apoiam para que joguem
E fazem de tudo para continuar
As levam para os torneios
No qual elas vão disputar.

Eles têm um papel importante
E muitos atuam como treinador
Eles são responsáveis por ensinar
Como se fosse um professor.

Francinete ainda fala
Que hoje a coisa mudou
Mas que existem homens machistas,
Que essa mudança ainda não aceitou.

Acha que só servimos para cozinhar
E que na cozinha é lugar da mulher
Mas aqui vou deixar bem claro
Lugar da mulher é onde ela quiser.

O futebol é importante
E temos muita persistência
Dentro de campo é respeito
Além de troca de experiência.

Crianças jogando futebol na Escola Estadual Indígena Bananeira. A escola, assim como o primeiro time, faz referência aos pés de bananeira, pois funcionava na casa do Sr. Amerindo, no mesmo local onde estava e ainda está o campo da Bananeira.

A PRESENÇA DO FUTEBOL NAS ESCOLAS

O futebol passou a fazer parte das atividades escolares e desde então essa prática é a preferida dos alunos nas aulas de Educação Física. Pude perceber que eles interagem mais quando estão jogando futebol e, além disso, os mais tímidos acabam perdendo a timidez. Percebo que os alunos interagem entre si com mais facilidade durante o futebol. Os meninos são os mais fanáticos, jogar bola para eles é muito importante e vejo a concentração e a disposição de todos.

Se na escola não tem campo ou quadra, os alunos, principalmente os pequeninos, não veem problema nisso. Eles fazem seu próprio campo, necessitando apenas de um espaço plano e limpo e da imaginação. Ali eles simulam as traves com um chinelo e com um pequeno pedaço de madeira fino riscam o contorno simulando as linhas do campo. Não encontram dificuldade nenhuma para construir o espaço das suas diversões. A bola também não é um problema, pois encontram por ali mesmo sacolinhas plásticas ou restos de algumas embalagens plásticas que viram bolas; já outros preferem fazer a bola de meia, pegando aquela meia que não usam mais e enchendo de pequenos pedaços de pano até formar uma bola e deixar do tamanho desejado. E é principalmente as crianças menores que fazem essas invenções, e desde a educação infantil que já se percebe que a brincadeira preferida é o futebol.

É também na escola que muitos meninos começam a desenvolver certa resistência em relação às meninas. Muitas vezes, os meninos não querem se misturar com as meninas e tentam impedi-las de jogar, querendo que o espaço do campo seja ocupado totalmente por eles e impondo um certo autoritarismo. As meninas não se dão por vencidas e querem jogar de qualquer maneira. Elas usam seus argumentos e lembram daquela famosa frase "os direitos são iguais", insistindo até conseguirem jogar. Percebo que desde criança muitos meninos já começam a defender a ideia de que futebol é só para meninos, no entanto é bem complicado fazê-los mudar de ideia e na maioria das vezes esses meninos são influenciados em casa. Isso indica que os próprios pais têm resistência a ver mulheres que praticam o futebol. Os meninos se irritam facilmente com as meninas pelo fato de muitas delas darem dribles, achando um absurdo levar drible de uma menina, principalmente aqueles que têm resistência em relação as meninas, pois acham que vão ser zoados, que todos vão "tirar onda com a sua cara". Já outros meninos não têm resistência e dão o maior apoio às meninas, pois o futebol é para os dois gêneros, tanto masculino quanto feminino. Ainda destaco que as meninas não desistem em momento nenhum são batalhadoras e ficam até o fim esperam o momento certo de entrar em campo ou em quadra e não deixam se abalar por qualquer coisa e fazem de tudo para serem aceitas pelos meninos.

O futebol e a escola estão ligados um ao outro, pois o futebol é o esporte preferido pelos alunos e na maioria das vezes as crianças aprendem a gostar de jogar futebol na escola.

Antes imaginava que o futebol na escola era apenas uma diversão de meninos e meninas, que nas horas vagas se divertiam e nas aulas de Educação Física praticavam por praticar. Depois que comecei a observar que para muitos se torna um momento único, pois ali constroem amizades, afastam os pensamentos negativos, aprendem e ensina, e também constroem um espaço de possibilidades, pois traçam metas a serem alcançadas. Aprendi observando que ninguém pratica por acaso. Vejo que os maiores prêmios que se ganham são as amizades que se constroem, as vitórias alcançadas, o medo deixado para trás, a lição que se aprende para uma vida toda. É interessante lembrar que no futebol na escola o importante não é vencer, e sim competir, pois ao competir você se iguala ao adversário.

Quando decidimos que íamos falar do futebol na escola preferi não entrevistar ninguém, pois queria eu mesma observar para tirar minhas próprias conclusões, já que tinha uma série de dúvidas relacionadas ao futebol na escola. Tinha também a curiosidade de fazer um trabalho de observação, poder observar as crianças praticando esporte na escola e tentar entender o que eles sentiam naquele momento. Era frequente ver crianças e jovens jogando futebol, mas nunca tinha parado para observar com mais cuidado, pois achava aquela atividade totalmente normal. Sempre olhava as crianças fazendo aqueles riscos e usando suas sandálias para simular as traves e não conseguia ver os sentidos até que parei para observar e comecei a pensar: como elas tiveram aquelas ideias? Quem as ensinou? Por que fazem riscos e não deixam assim mesmo, sem riscos? Como elas sabem que existem aquelas linhas no campo? Confesso que demorou um pouco para entender essas questões, pois para mim aquilo era normal, até eu me perguntar: como assim normal?

Convivo com criança diariamente e tenho um irmão de seis anos. Sempre o via fazendo isso, mas nunca o perguntei nada até que surgiu essa curiosidade. Ele me falou que os riscos são para a bola rolar só dentro de campo e saber até onde pode ir com a bola; e que os riscos entre os chinelos são para saber quando é gol. Segundo ele, se a bola passar a risca entre os chinelos é gol. Uma observação importante que ele coloca é que só vale o gol se a bola for chutada rasteira pela risca entre os chinelos, ou seja, nada de dar chutes altos pois não valerá o gol.

Na escola tem futebol
E eles adoram jogar uma partida
Os alunos gostam muito
E essa brincadeira é a deles preferida.

Quando tem aula de educação física
Eles já pedem logo para jogar
Principalmente os meninos
Que o futebol gostam de praticar.

Se na escola não tem campo
Isso pra eles não é dificuldade
Fazem as áreas de sandálias
Usando sua criatividade.

Riscam as linhas do campo
Fazendo riscos no chão
Depois coloca as áreas de sandálias
E começam a diversão.

Quando não tem bola
Não tem a menor preocupação
Eles fazem a bola de material reciclável
Como sacolinhas e restos de papelão.

Principalmente as crianças
Que adoram inventar
Inventam bola de meia
Para na escola poder jogar.

Desde a educação infantil
As crianças já gostam de praticar
Quando perguntam o que gostam de fazer
Jogar futebol é o que vão responder.

Como já percebi
Muitos meninos são contra meninas jogar
Eles argumentam que com bola
É só menino que pode brincar.

As meninas ficam arretadas
E não se dão por vencidas
Entram no meio do campo
E de qualquer maneira participam das partidas.

Quando é aula de educação física
O professor tenta interferir
Coloca as meninas pra jogar
E os meninos tem que sorrir.

As vezes eles ficam irritados
Principalmente com as meninas que gostam de driblar
Pois acha que levar dribles de uma menina
É algo que vai o desmoralizar.

Já outros aceitam numa boa
E deixam as meninas a vontade
Até deixam elas jogar junto com eles
E não veem desigualdade.

Alguns meninos são machistas
E tratam as meninas de forma diferente
Brigam com elas para não jogar
E muitas vezes elas têm que aceitar.

Futebol e escola
Tem tudo a ver
Na escola aprende a ler e escrever
E no futebol aprende a competir e a vencer.

O que seria do futebol sem escola
Se na maioria das vezes é na escola que se aprende a jogar?
O futebol e a escola têm uma coisa em comum
Que é a arte de aprender para ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

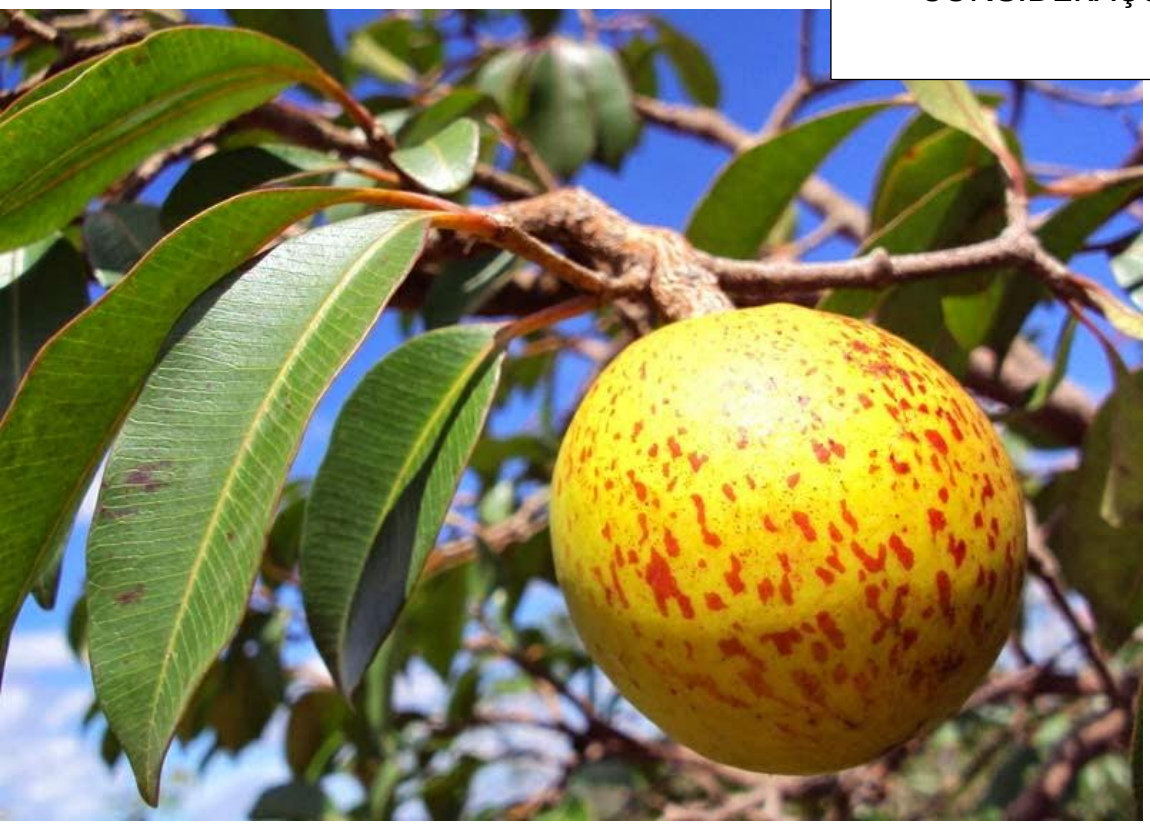

Foto da mangaba, cujo leite ajudou o Sr. Saturnino a produzir a primeira bola de nossa aldeia.

Neste trabalho acredito que aprendi muito, pois não conhecia essa história de como surgiu o futebol no território Xakriabá. Além disso, contribuiu para que eu pudesse adquirir novos conhecimentos com a investigação do tema, seja como professora ou como indígena.

Como professora, aprendi que o futebol não está presente somente nas aulas de Educação Física, mas que pode ser trabalhado em todas as matérias. Durante o futebol, os alunos não aprendem apenas o esporte, mas também traços de nossa tradição. Cada gol e cada drible é uma nova experiência adquirida. Realmente não vejo nenhuma escola do meu povo sem futebol, e é dentro da escola que muitas crianças aprendem a jogar, tanto meninos quanto meninas. Vejo também o incentivo dos maiores para os menores, e muitas vezes é nesse cenário que as crianças e jovens descobrem a paixão pelo futebol. Por esse motivo quero contribuir com a minha escola, pois o meu maior desejo é poder divulgar a minha pesquisa para que ela seja trabalhada com os alunos dentro da sala de aula, para que eles possam perceber essa interação e a importância que o futebol nas nossas vidas.

Como indígena, percebo que o trabalho vai contribuir para o fortalecimento do futebol em minha comunidade, já que o esporte, hoje, faz parte de nossa tradição e auxilia no fortalecimento de traços da cultura Xakriabá. Diferente de pensar que "futebol é coisa de não indígena", este trabalho mostrou que a presença do futebol no território Xakriabá não é apenas uma influência da cultura não indígena sobre a nossa cultura, mas que o futebol por nós praticado também é influenciado por traços da cultura indígena, como a tradição familiar, a convivência e a aprendizagem entre as gerações ou a não exclusão das mulheres na prática do esporte, como acontece frequentemente na cultura não indígena.

Com a pesquisa, concluo que o futebol é muito importante para o meu povo e se tornou parte da nossa cultura e virou tradição entre os Xakriabá. O futebol, que foi passando de geração em geração, hoje é um dos esportes mais praticados dentro das aldeias, principalmente pelas crianças que desde pequenas já começam a praticar o esporte nas escolas, nos campos de futebol ou usando a sua imaginação para simular campos nos seus quintais. Os pequenos desenvolvem habilidades e têm muita disposição para praticar o esporte, pois aprendem desde cedo com os adultos, fortalecendo os laços entre as gerações.

Acredito também que este trabalho vai ser uma grande contribuição para o curso e a universidade pelo fato de trazer a história do futebol indígena Xakriabá, contada em rimas.

Mostrei com este trabalho a diferença entre o futebol indígena e o não indígena. Para os Xakriabá o futebol não é apenas um jogo, pois cria laços entre as pessoas, representa união entre

os membros de uma família e entre a comunidade e é também uma forma de diversão. O futebol no território Xakriabá não representa uma fonte de renda, como muitas vezes é o futebol para o não indígena. Não estou afirmando com isso que ele não envolva dinheiro, pois algumas competições envolvem premiações, mas a renda adquirida é em prol daquela família ou grupo que compõe o time. Como exemplo, podemos citar o time da Bananeira, que quando ganha uma competição usa o dinheiro para a manutenção do time, comprando chuteiras ou uniforme para os jogadores que não tem condições de comprar. Em torneios beneficentes (que são promovidos para ajudar pessoas doentes que não tem condições de arcar com o tratamento de saúde, construção de casas comunitárias entre outros), o time vencedor tem o direito de doar parte da premiação para o grupo atendido pelo evento beneficente.

As regras do futebol indígena e não indígena são as mesmas, o diferencial é a maneira como o futebol está presente na vida das famílias e da comunidade, passando de para filho, destacando também a importância da união dos times e das famílias dentro e fora dos campos.

Ao final, os resultados obtidos permitem dizer que o futebol, que surgiu como um divertimento nas décadas passadas, virou parte da nossa cultura, e que ao construir aquela bola de mangaba construía-se também parte da nossa história.

Com esta pesquisa
Aprendi coisas que vou tentar explicar
Por exemplo: de como surgiu o futebol
No território indígena Xakriabá.

Essa história sem duvidas
É interessante pra escutar
Pois a bola foi feita de mangaba
E em seguida pôs para secar.

O futebol naquela época
Ninguém conhecia
Mas tinha um ancião
Que dessa prática sabia.

A história contada por ele
Era meu sonho registrar
Peguei meu celular
E pra casa dele fui pesquisar.

Aprendi como surgiu o futebol
E adquiri muitos conhecimentos
Essa prática que virou paixão
Não quero que caia no esquecimento.

Queria saber também
Em relação aos jovens Xakriabá
Como eles conheceram o futebol
E quem os ensinou a praticar.

Pesquisei também meninas da minha aldeia
para a história delas contar
Como funciona o futebol para elas
E as resistências que tiveram que enfrentar

Meu pai Adão
também muito contribuiu
contou a história da Bananeira
e como esse time surgiu.

Depois das entrevistas
Tirei uma grande conclusão
Conclui que o futebol
Faz parte de minha cultura e tradição.

Acredito que para o meu povo
Vai ser uma grande contribuição
Pois vou deixar registrado
A história contada por esse ancião.

Quero poder um dia ver este trabalho
Nas salas de aula sendo trabalhado
Com jovens e crianças
Para enriquecer o seu aprendizado.

Meu maior desejo
sem dúvidas é a divulgação
para que todos conheçam
E façam uma reflexão

Contribuiu para que os meus conhecimentos
Pudessem enriquecer
Com a investigação desse tema
Aprendi coisas que não imaginava aprender.

Também mostrei com esse trabalho
Que esse esporte no dia-a-dia está presente
O futebol indígena e não indígena
Para mim é muito diferente.

As regras são as mesmas
mas temos um diferencial
o nosso futebol é união entre famílias
E isso sem dúvidas é sensacional.

É essa união das famílias
Que formam times vencedores
Pois a união é fundamental
para serem bons jogadores.

A contribuição que deixo para o curso
E também para a universidade
É o registro em rimas da história do futebol,
De como surgiu dentro das nossas comunidades.

Os resultados obtidos
Sem dúvidas esta é a minha conclusão
De que o futebol indígena Xakriabá
Passou a fazer parte da nossa cultura e da nossa tradição.

Ao construir a bola de mangaba
Faço aqui uma pequena reflexão
Que construindo aquela bola, construía também
Parte da nossa história aquele ancião.

Não poderia me esquecer
Da bagagem que vou levar
A bagagem cheia de conhecimentos
que adquiri quando resolvi pesquisar.